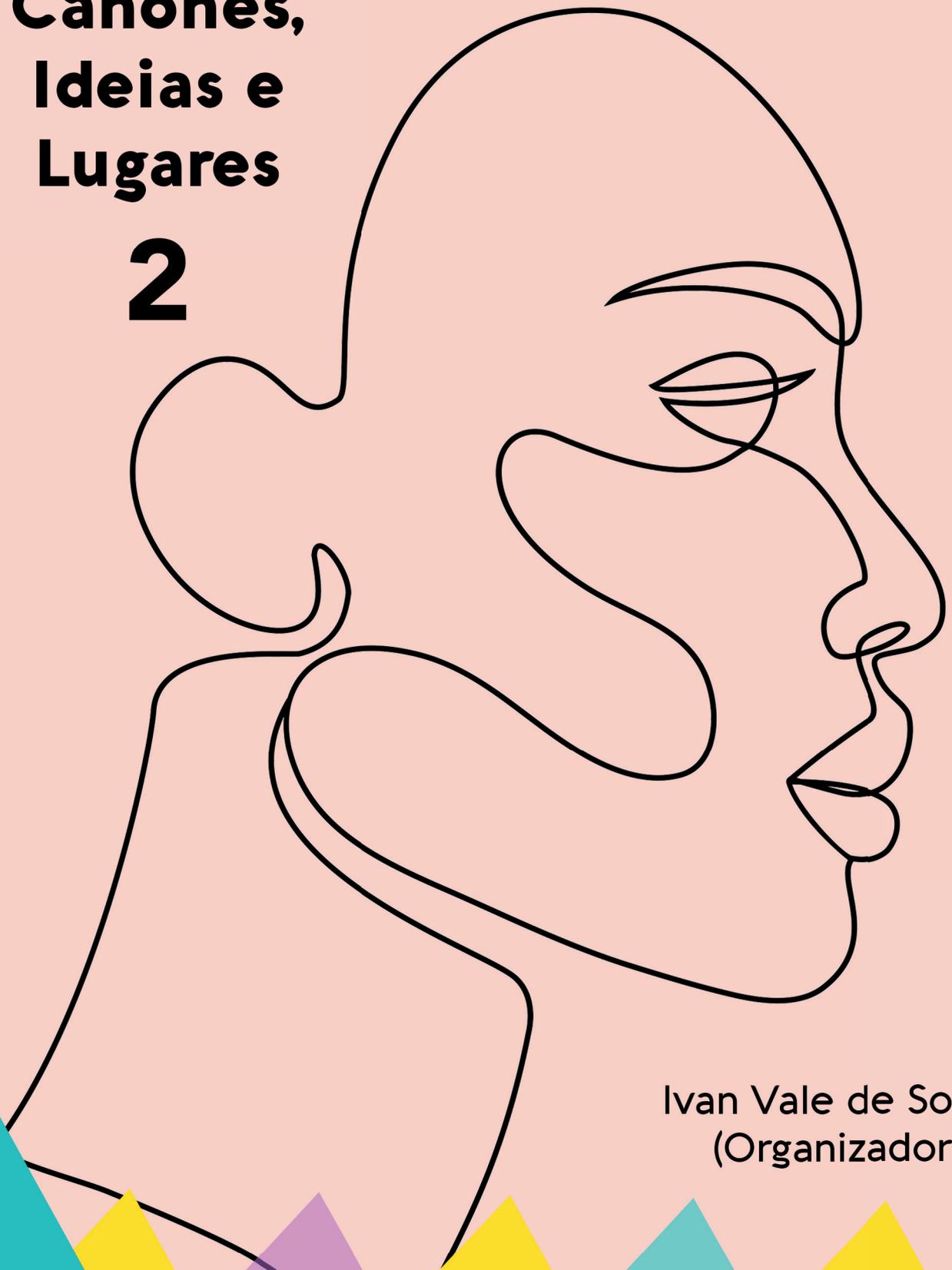


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



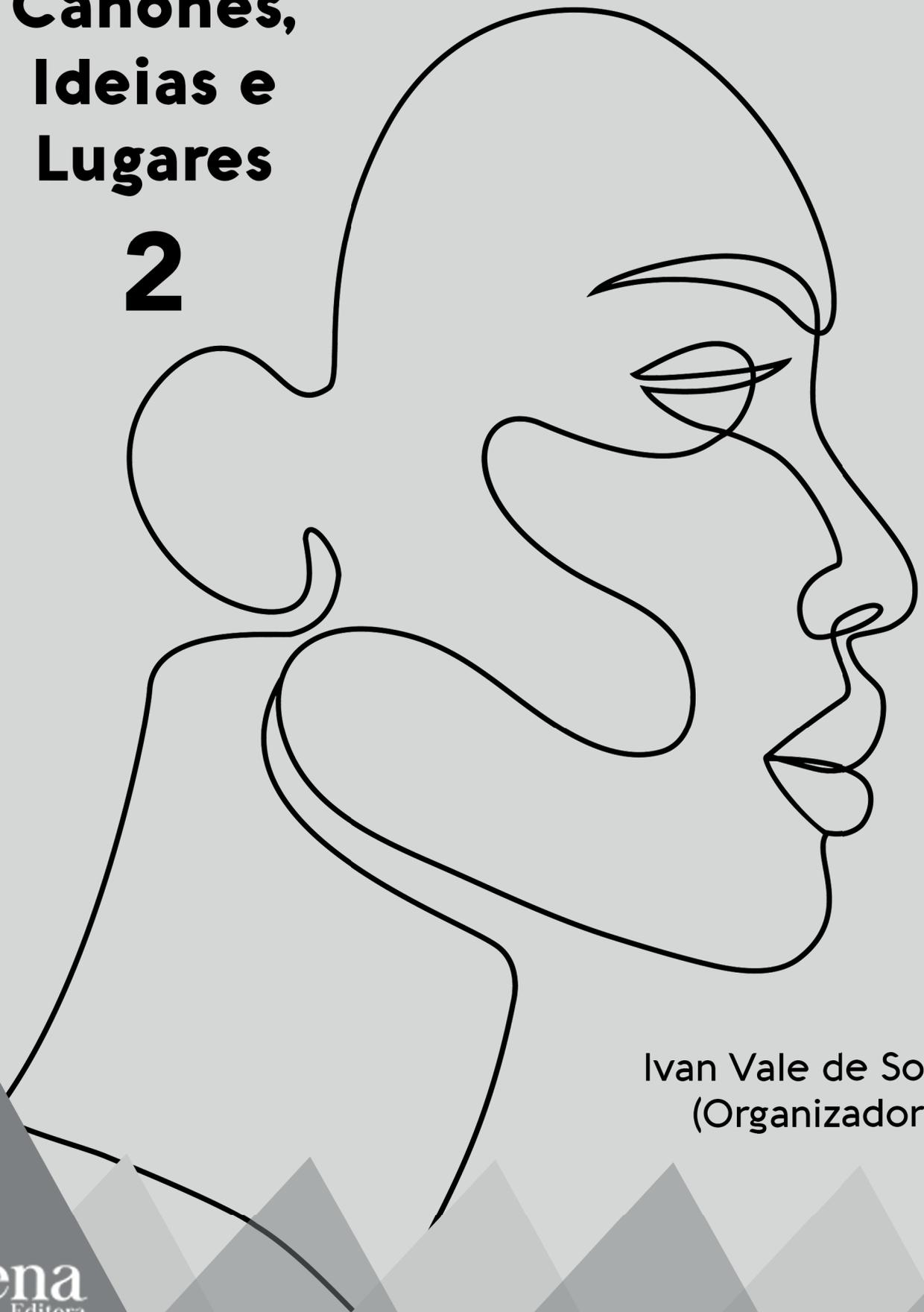
Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares José Paulo Seifert Brahm Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO *BRITISH CEMETERY* DO RECIFE

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 05.05.2020

Davi Kiermes Tavares

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Bahia
Eunápolis – BA

<http://lattes.cnpq.br/7604783949494367>

José Paulo Seifert Brahm

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas – RS

<http://lattes.cnpq.br/2669820918283361>

Ronaldo Bernardino Colvero

Universidade Federal do Pampa
São Borja - RS

<http://lattes.cnpq.br/3017947075069963>

RESUMO: O artigo focaliza o túmulo do General Abreu e Lima – estabelecido no British Cemetery do Recife, Pernambuco - segundo a conformação da história e da arte que o emolduram. Viabiliza-se a partir do suporte teórico e dos dados levantados em pesquisa empreendida durante o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, anos 2014-2016. Utiliza, em sua fundamentação histórica e artística,

argumentos de autores como Chacon (1983), Rodrigues (1997; 2005), Tavares (2015; 2016), Borges (2002), Coli (1995), entre vários. Conclui que o túmulo remete a uma história de vida plena de desafios e superações até o final, ao mesmo tempo que estimula o olhar, de quem o contempla, para além da materialidade e do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Abreu e Lima. Cemitério dos Ingleses. História. Arte.

THE GENERAL'S GRAVE: HISTORY AND ART IN THE BRITISH CEMETERY OF RECIFE

ABSTRACT: The article focuses the General's grave of the Abreu e Lima - established at the British Cemetery in Recife, Pernambuco - according to the shape of the history and art that frame it. It is made possible from the theoretical support and data collected in research undertaken during the master's degree program of the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage of the Federal University of Pelotas, 2014-2016. In its historical and artistic foundation, it uses arguments by authors such as Chacon (1983), Rodrigues (1997; 2005), Tavares (2015; 2016), Borges (2002), Coli (1995), among several. It concludes that

the tomb refers to a life story full of challenges and overcoming until the end, at the same time that it stimulates the gaze of those who contemplate it, beyond materiality and time.

KEYWORDS: Abreu e Lima. British Cemetery. History. Art.

1 | INTRODUÇÃO

Uma construção tumular se apresenta como objeto a ser explorado pela comunicação e até mesmo pela semiótica, pois está repleto de informações e de sinais, através dos quais algum tipo de mensagem está em potência. Mausoléus, com pomposas estátuas e colunas monumentais, por exemplo, informam aos visitantes e frequentadores de cemitérios que ali está enterrado alguém que enquanto vivo ocupava uma posição de prestígio social. Isso pode ser reforçado pelos epitáfios, por placas comemorativas, bustos, brasões e outros símbolos que destacam as qualidades e a posição social ou profissional do falecido. Tal caracterização se coaduna ao cemitério chamado oitocentista, romântico ou tradicional - que teve seu apogeu na segunda metade do século XIX. O cemitério dito moderno obedece outra concepção construtiva e imagética.

Assim sendo, o foco deste artigo é um túmulo singular estabelecido no *British Cemetery* (chamado popularmente “Cemitério dos Ingleses”) (Fig. 1), na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil, a partir da conformação da história e da arte que o emolduram, além do próprio homenageado: o militar, intelectual, escritor e ativista social pernambucano José Ignácio de Abreu e Lima, o *general das massas* (CHACON, 2007), o quase *Patrono do Exército Brasileiro* (LIMA FILHO; PEREIRA, 1975, p. 21).



Figura 1: Foto da frente do *British Cemetery* com a sinalização do monumento.

Fonte: Davi Tavares (2016).

O conjunto tumular foi conhecido, *in loco*, por um dos autores deste artigo, quando ele realizou visita ao cemitério, em trabalho de campo, ao cumprir etapa do curso de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, ano de 2016.

A relevância do personagem, a querela do seu sepultamento, a distinta homenagem material em sua memória, tudo isso oportunizou a elaboração deste artigo. Que contemplará abaixo, sequencialmente, os aspectos mencionados.

2 | A RELEVÂNCIA DO PERSONAGEM

Para quem nunca leu ou ouviu falar sobre Abreu e Lima, vale inicialmente apresentá-lo - a partir de Pereira da Costa (1882), Guimarães (1926), Chacon (1983) - como um brasileiro eminente que nasceu no Recife em 6 de abril de 1794.

Filho de família com posses econômicas, a sua educação escolar, concluída na cidade de Olinda, por volta de 1811, foi ministrada pelos mais afamados mestres da época. Estudou latim, filosofia, retórica, francês e inglês. Como reforço, frequentava o curso regimental de artilharia, e estudava literatura e grego com o seu pai, José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, de origem nobre, conhecido por todos pela alcunha de Padre Roma, pois fora Ordenado Padre, em Roma, pelo Cardeal Chiaramonti, futuro papa Pio VII (mesmo que tivesse posteriormente largado a batina para se casar).

Em 1812, Abreu e Lima ingressou na Academia Real Militar do Rio de Janeiro (atual Academia Militar das Agulhas Negras), recebendo, quatro anos após, a patente de capitão em artilharia, sendo, então, destacado para servir em Angola (África). Em dezembro de 1816, volta ao Recife. É envolvido num motim contra o Ouvidor de Olinda, sendo preso. Mas, recorrendo da prisão, vai para a província da Bahia (Salvador), para onde havia feito o “agravo da pronúncia de prisão” (recorrência judicial da prisão), em princípios de fevereiro de 1817. Ao chegar ali, é recolhido à Fortaleza de São Pedro por ordem do Conde dos Arcos, governador daquela província.

Nesse mesmo ano, ao eclodir no Recife, no dia 6 de março, a Revolução Pernambucana, cujos objetivos centrais eram a República e a Independência do Brasil, figurou como um dos principais chefes o seu pai, o Padre Roma, que, após a vitória dos legalistas imperiais, ao chegar à Bahia, em caráter de comissário dos pernambucanos revoltosos em busca de apoio, foi denunciado, preso e, por fim, condenado à morte (executado, em 29 de março de 1817, no Largo da Pólvora). Abreu e Lima foi obrigado a assistir ao fuzilamento do pai. Esse acontecimento além de marcar profundamente a vida do futuro general, levou sua família à ruína e a dispersão.

Depois dessa marcante experiência, ele ainda passou alguns meses na prisão, em companhia de seu irmão Luís Ignácio de Abreu e Lima e de outros presos remetidos de Pernambuco. Em outubro de 1817, escapa do cárcere com seu irmão, auxiliado pela

maçonaria, embarca para os Estados Unidos da América do Norte, aonde chegaram em fevereiro de 1818. Estava decidido: lutaria pelo fim do regime colonial na América Latina. Com tal propósito separa-se do irmão e viaja para La Guairá, na Venezuela. De lá, escreve a Simon Bolívar, oferecendo seus serviços militares como capitão (Figura 2).



Figura 2: Retrato do General Abreu e Lima, pintado por Reynaldo Fonseca.

Fonte: Instituto Abreu e Lima. Disponível em: <http://www.institutoabreuelima.com.br/category/fotos/>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Em 1819, em Angostura (hoje Cidade de Bolívar, na Colômbia), Simon Bolívar o aceitou no posto pretendido. Em seguida e durante um curto espaço de tempo, Abreu e Lima colaborou no *Correo del Orinoco*, um semanário comprometido com o ideário de Bolívar, inclusive nele publicando diversas matérias sobre a luta pela independência no Brasil, mormente em Pernambuco. Ainda em 1819, segue para a linha de frente, lutando sob o comando de Bolívar nas principais batalhas que conduziram os insurretos à vitória contra os colonizadores. Entre outras, Abreu e Lima participou de batalhas memoráveis como a de Boyaca (1819) e a Carabobo (1821): a primeira conduziu à proclamação da República da Colômbia; a segunda, à libertação da Venezuela.

Com o desmoronamento do sonho de integração (inspirado pelo modelo federalista norte-americano, Simon Bolívar sonhava forjar as bases da unidade da América do Sul pela construção de uma federação de nações da região, forma de mantê-la forte e solidária), em 1830, Bolívar foi afastado do poder e deixou a vida pública, vivendo os seus últimos dias no exílio, em Santa Marta (Colômbia). Bolívar, *El Libertador*, um dos maiores heróis da América Latina, que entrou na política rico e dela saiu pobre e frustrado, faleceu de tuberculose aos 47 anos de idade, em 17 de dezembro de 1830. Abreu e Lima, general e membro do Estado Maior de Bolívar, acompanhou-o até o retiro de Santa Marta, mantendo-se fiel e ao seu lado até o fim. (Cf. GUIMARÃES, 2017, p. 243-257)

A situação que se seguiu à retirada de Bolívar da vida pública inviabilizou a permanência de oficiais estrangeiros nos quadros do Exército da Colômbia, que dele

foram excluídos por decreto de 09 de setembro de 1831, em ato do ministro da guerra daquele país. Em decorrência, Abreu e Lima, ostentando a patente de general de brigada que lhe foi conferido por Bolívar, assim como os títulos de *Libertador da Venezuela e de Nova Granada*, retorna ao Brasil, em pleno período regencial, fixando residência no Rio de Janeiro.

Na capital do Império, habilmente, ligou-se a grupos de políticos e de escritores, participando de atividades culturais, o que lhe facultou a obtenção da imediata recuperação de seus direitos políticos e civis. Durante a menoridade de D. Pedro II, Abreu e Lima foi anistiado, em outubro de 1832, pela Regência que governava o país, a qual teve “por bem conceder-lhe a faculdade para que possa usar todas as condecorações, e distinções que lhe foram conferidas pelo governo da Colômbia...” (CHACON, 1983; págs. 242 e 243).

Reabilitado, reconhecido pelas vitórias militares e com prestígio intelectual e político, resolveu voltar ao Recife, em 1844, de onde, até a sua morte, não mais se retiraria.

Ali, vai ocorrer a publicação de parte de sua produção literária. Destacam-se, entre outros livros, *Compêndio da História do Brasil, Sinopse ou Dedução Cronológica dos Fatos mais Notáveis da História do Brasil; História Universal desde os Tempos mais Remotos até Nossos Dias; A Cartilha do Povo; O Socialismo; As Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Rev. Cônego Joaquim Pinto de Campos; O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos*. (Esses livros mencionados e outros mais, a produção jornalística e epistolar, documentos estão disponibilizados, *on-line*, inclusive para *download*, no sítio do Instituto Abreu e Lima: <http://www.institutoabreuelima.com.br/acervo/>.)

Escrevendo sobre assuntos diversificados, mas sem perder o interesse pela atividade política, terminou envolvido nos acontecimentos que culminaram com a Revolução Praieira (movimento de caráter popular e insurrecional) de 1848, sobretudo pela participação como dirigente e redator dos jornais *Diário Novo* e *A Barca de São Pedro*, divulgadores dos ideais dos *praieiros*. É condenado à prisão perpétua na ilha Fernando de Noronha. Após dois anos preso, foi absolvido da acusação

Finalmente, anos antes de morrer, ao escrever e publicar sobre assuntos religiosos em longos e interessantes ensaios, nos quais dava ênfase ao ecumenismo, passou à prática. Distribuiu vários exemplares do Novo Testamento em edição protestante, que amigos lhe mandaram de Londres, a muitas pessoas da cidade. Esse gesto provocou a ira do padre e deputado monsenhor Joaquim Pinto de Campos, que, pelos jornais, afirma que aquelas bíblias eram “falsificadas e venenosas”. Estava iniciada mais uma polêmica, entre tantas, que Abreu e Lima se envolvera.

Após vários embates, pelos jornais (*Jornal do Recife* [Abreu e Lima] *versus Diário de Pernambuco* [Monsenhor Joaquim Pinto]), a polêmica entre o monsenhor e o general começou a crescer, resolvendo o general então escrever um livro – *As Bíblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Sr. Joaquim Pinto de Campos pelo Cristão Velho* –, no qual a discussão saía de aspectos pessoais tocados por parte do monsenhor Joaquim Pinto

de Campos e ganhava os meandros da história secular, sendo a reforma protestante, na visão de Abreu e Lima, defendida como uma espécie de proclamação dos tempos modernos.

A resposta de monsenhor Joaquim Pinto de Campos foi surpreendente. Afirmou que processaria o general Abreu e Lima pelos tribunais, acrescentando que, no entanto, preferia chicotear-lhe a cara, “a exemplo do que já havia feito ao finado capitão Manuel Joaquim do Rego Barros na freguesia do Monteiro, em plena luz do dia...” (*Diário de Pernambuco*, seção Comunicado, apud AGUIAR, 1997, p, 167).

Após um período de crises e agravamentos da saúde, o general Abreu e Lima falece na cidade do Recife. Era manhã do dia 8 de março de 1869.

3 | A QUERELA DO SEPULTAMENTO

Morto o general, eis que a cidade do Recife, de repente, despertou na manhã do dia 9 para uma realidade inusitada: o bispo da cidade, Dom Francisco Cardoso Ayres, negara sepultura cristã ao general Abreu e Lima.

Questionado pelo governador da província de Pernambuco à época, Brás Carneiro Nogueira da Costa e Gama, Conde de Baependi - que fora informado, pelo administrador do Cemitério Público do Recife, da morte do general e da ordem do bispo para que lhe não fosse dada sepultura -, o bispo alegou que

Sabendo do grave estado da moléstia do general Abreu e Lima, e ‘não constando ato algum seu que provasse arrependimento de erros que em matéria religiosa que lhe eram atribuídos’, entendera ser do seu dever episcopal procurá-lo, o que fez dias antes do seu falecimento. Conduzindo a conversa com o enfermo sobre alguns pontos da doutrina católica, o bispo afirmou ‘com pesar’ que o general não reconhecia o mistério da Santíssima Trindade, além de repelir a idéia (sic) da confissão auricular. Não parecendo ao prelado ser prudente insistir em seus esforços naquela ocasião ‘a bem da alma’ daquela ovelha, ‘em atenção aos sofrimentos do corpo’, despedira-se comunicando ao enfermo que voltaria outra vez; tendo como resposta que ele, Abreu e Lima, ‘estava pronto para recebê-lo, mas que seria inútil tratar de questões religiosas, a não ser para discutir com toda a liberdade’. Apesar disso, o bispo dispusera-se a procurar novamente o general, por acreditar que ele teria dado demonstração de deferência para com sua pessoa. Entretanto, a enfermidade teria progredido inesperadamente, chegando ao conhecimento do prelado que Abreu e Lima se achava moribundo, sem que tivesse sido possível ao bispo fazer a segunda visita ao enfermo (RODRIGUES, 2005, p. 149-150 – destaques da autora).

Ao tomar conhecimento disso, o governador resolveu que, mesmo respeitando a decisão episcopal, cumpria-lhe providenciar para que o cadáver tivesse sepultura decente em outro lugar. A princípio, pretendia que o sepultamento se fizesse no terreno extramuros do cemitério. Entretanto, os amigos e parentes do falecido deram preferência ao cemitério protestante da cidade (receberam uma oferta por parte do cônsul-geral do Reino Unido, Sir Harry Fergusson, que em nome da família real e de seus compatriotas do Recife oferece o Cemitério dos Ingleses para o enterro) onde o sepultamento aconteceu no dia

seguinte, sob a direção religiosa do ministro anglicano ligado à comunidade protestante da cidade.

O sepultamento foi possível naquele local porque, à época, o *British Cemetery*, do Recife, integrava um inicial conjunto de necrópoles estabelecidas no Brasil-Colônia destinado a receber os corpos dos súditos britânicos mortos, os quais a Igreja Católica não permitia que fossem enterrados em seus cemitérios por serem acatólicos (protestantes). Sua implantação, em solo brasileiro, constituía reflexo da importância, da influência e da presença significativa de ingleses, notadamente, no país de então – a qual se estenderia até meados do século XX (TAVARES, 2016).

A interdição do sepultamento do cadáver do general Abreu e Lima no cemitério público do Recife foi um acontecimento que repercutiu em todo o Império e, inclusive, em Lisboa. (VIEIRA, 1998, p. 268). Na Corte brasileira, foi um dos assuntos mais falados entre março e maio daquele ano de 1869. Afinal, era a primeira vez que um caso de recusa episcopal em receber um cidadão brasileiro tão ilustre num cemitério público era divulgado (RODRIGUES, 2005).

O incidente rendeu discussões, debates, polêmicas... Com os simpatizantes e defensores do Bispo ou do General a esgrimirem argumentos e razões. Para melhor entendê-lo, é necessário conhecer o contexto que o propicia. Mencione-se que, naquele momento, tanto a questão do “enterramento civil”, em Portugal, na segunda metade do século XIX (CATROGA, 1999), quanto à da “sepultura eclesiástica”, em período análogo ao de Portugal, no Brasil (RODRIGUES, 2005), evidenciavam-se. Eram tempos da reforma ultramontana em Pernambuco (e em outras dioceses do país como o Rio de Janeiro, por exemplo), no início da década de 1870, cujo papel de executor cabia ao bispo - em choque com o liberalismo, o republicanismo, a maçonaria, o protestantismo, entrevistados nas ações e nos escritos do general e seus partidários.

4 | O MONUMENTO TUMULAR

Qualquer pessoa que adentre o *British Cemetery* tem inevitavelmente sua atenção atraída pelo “túmulo-monumento” situado logo após ao portão de entrada, à esquerda, ainda que desconheça a quem pertence e o motivo de sua edificação. Com dimensão de quatro metros aproximadamente (da base ao cimo), ele se distingue dos túmulos ao redor (e também dos outros que compõem o campo santo) pela cruz num círculo, sobre coluna torcida em espiral, que repousa numa base (na qual está colocada a lápide e sua inscrição) e pedestal, a ocupar toda a área reservada à carneira. Eis uma descrição básica do túmulo do general Abreu e Lima (Fig. 3). (Não se encontrou informações o monumento e sua construção: autoria, dimensões exatas, custo, época de elaboração, material constitutivo, etc. Sabe-se, apenas, que ele resultou de iniciativa de familiares e amigos admiradores que se uniram e erigiram a homenagem ao general. O que, aliás,

está consignado no epitáfio.) A escultura apresenta elementos artísticos e simbólicos

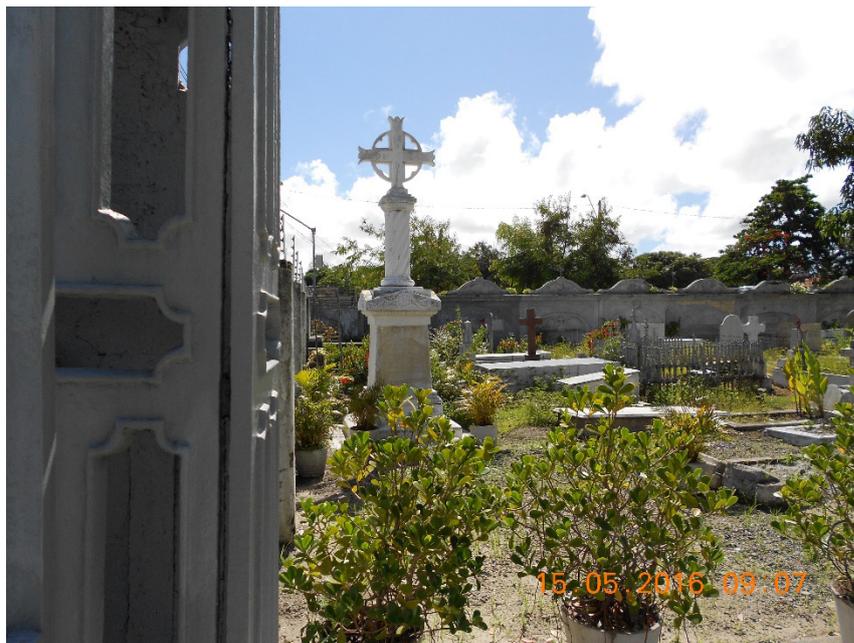


Figura 3: Fotografia do túmulo-monumento do general Abreu e Lima.

Fonte: Davi Tavares, 2014.

O seu poder de atração advém da imponência principalmente em relação ao restante do acervo tumular do local. Os cemitérios ingleses e, portanto, à época, protestantes, apresentavam uma estética tumular comprometida com formas sóbrias e comedidas. Tal estética refletia (e reflete) a concepção (sobretudo anglicana) de morte e seus incontornáveis desdobramentos, haja vista que

O discurso anglicano sobre a morte construiu-se seguindo a tradição eclesiástica e os ensinamentos bíblicos. [...] via a morte basicamente sob três perspectivas: a primeira era que a morte do cristão era uma morte bem-aventurada, pois que morriam no Senhor; a segunda é a que identificava a morte como um sono, um repouso dos fiéis no aguardo da ressurreição eterna; e a terceira concepção era a de que se constituía numa passagem, numa partida desta vida para a vida eterna (TAVARES, 2015, p. 18-19).

Arte tumular ou arte funerária, que compreende construções feitas para sobreporem-se às sepulturas, é uma forma de representação, da vida e da morte, ligada à cosmovisão de determinado contexto histórico, cultural, ideológico, social e econômico. Ela pode ser constituída por um conjunto de símbolos ou de uma obra narrativa, utilizando-se materiais variados como o mármore, o granito, o ferro fundido, o bronze, entre outros materiais. “É um tipo de construção repleta de simbolismo, facilmente assimilado pelo grande público” (BORGES, 2002, p. 172).

Segundo a autora supramencionada, o estudo dessas construções permite perceber as etapas da transformação da vida social do homem por conterem uma série de imagens e adornos que são cultuados pelas pessoas, segundo sua formação religiosa e moral. Quando impregnados de expressões religiosas, os túmulos traduzem uma mensagem de

fé conciliada às lembranças. Quando trazem símbolos cívicos, prestam-se a homenagens póstumas. Para a população, quanto mais imagens e adornos simbólicos o monumento funerário apresentar, maior é seu significado, recebendo, assim, visitas frequentes. Daí advém o grande valor expressivo dos túmulos. No silêncio dos símbolos ali presentes, produzidos com certo gosto artístico e de fácil assimilação, eles despertam em seus visitantes os mais profundos e significativos sentimentos (BORGES, 2002).

Ademais, conforme preceitua Argan (1998), as coisas artísticas têm um valor intrínseco relacionado a certos sinais, ocorrendo uma solidariedade de princípio entre a ação artística e a ação histórica. A análise da obra de arte deve prevalecer à matéria estruturada e ao processo de estruturação. No objeto artístico, percebem-se as ligações que o artista possui com a sociedade de que é parte integrante, segundo as quais são compreendidas as preferências e as ideias artísticas. Ou seja, as escolhas intencionais do artista partem sempre de um olhar individual e social.

Para Brandi (2004), dois momentos devem ser levados em consideração para a criação de uma obra de arte. O primeiro se refere às escolhas, gostos, preocupações, teorias, ideologias do artista, que terá em comum com a época que vive. Já o segundo, refere-se ao tempo em que o artista vive, será ou não reconhecido naquela obra sua, e a validade desta não crescerá nem diminuirá em nada por causa disso.

Por esses parâmetros, o túmulo do general Abreu e Lima oferece possibilidades interpretativas a partir de alguns de seus elementos constitutivos. É uma figura composta por vários elementos: cruz, coluna, lápide e epitáfio.

Aplicando-se de maneira flexível - em relação ao monumento - a metodologia elaborada por Borges em sua obra *Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto* (2002), pode-se descrever, com relação à tipologia da sua arquitetura tumular, que se trata de um túmulo monumental por apresentar característica de grandiloquência, qualidades artísticas, decoração apurada. “Monumental” devido à semelhança aos monumentos celebrativos; “grandiloquente” pelos aspectos formais da construção: assentado sobre uma base que ocupa toda a área reservada à carneira, verticalismo, elementos compositivos sobrepostos afunilando para o céu; “qualidades artísticas” em face de ser construído sob encomenda e com exclusividade, o que propiciava ao construtor maior liberdade de expressão; finalmente, “decoração apurada”, que remete a adornos e a escultura de grande porte, mesmo que única.

Encimando o monumento, sobre o capitel da coluna, está a cruz celta - artefato muito recorrente nos cemitérios protestantes (Figura 4).



Figura 4: Fotografia de detalhe do monumento.

Fonte: Foto dos autores, 2016.

A Cruz Celta, ou Cruz Céltica, simboliza o povo Celta, e o seu uso é mais remoto do que a cruz cristã como símbolo do cristianismo. É uma cruz com um círculo onde as barras vertical e horizontal se encontram, e representa a espiritualidade focada na criação. Seu uso remonta ao equilíbrio da vida e a eternidade, com a junção dos quatro elementos essenciais: água, terra, fogo e ar.

Hoje, a Cruz Celta também é um dos símbolos do presbiterianismo, e das igrejas reformadas Batista e Anglicana, e representa o nascimento, morte e ressurreição de Cristo. O círculo, que na simbologia pagã representava o sol, agora representa a circularidade da vida, a renovação eterna. Ao usar a Cruz Celta, as igrejas afirmam as sua doutrina e identidade, revelando a sua herança protestante. Nessa perspectiva, a Cruz Celta representa a vida eterna no reino de Deus.

Outro elemento significativo do monumento é a coluna, com seu fuste torcido em espiral (Figura 5).



Figura 5: Reprodução de coluna retorcida ou salomônica.

Fonte: Davi Tavares, 2016.

Chamada de Coluna Salomônica, esse tipo de coluna é característica da arquitetura barroca. Ela começa em uma base e termina em um capitel, como a coluna clássica, mas com o fuste retorcido de forma helicoidal que produz um efeito de movimento e dramatismo. A introdução da coluna salomônica no barroco manifesta a condição de movimento. Em muitas ocasiões o fuste é coberto com decoração de folhas de acanto. Os capitéis podem ser de diversas ordens, predominando a compósita e a coríntia. É corrente que seu uso seja mais ornamental que tectônico, pelo que é muito mais comum ela ser usada em retábulos ou adossada a outros adornos.

Abaixo da base da coluna, elementos decorativos estão presentes em outro módulo que compõem o monumento (Figura 6). São arabescos, empregados nos arremates laterais das lajes de mármore epigrafadas existentes nos túmulos simples e nos monumentais. Formam um verdadeiro entrelaçar de linhas, ramagens e flores. São apropriações de flores estilizadas por curvas do estilo *art-nouveau*, facilmente assimiladas pelo homem comum da *belle époque*.



Figura 6: Foto dos arabescos acima da lápide.

Fonte: Davi Tavares, 2016.

A lápide segue ao módulo que contém os arabescos, e contém o epitáfio (Figura 7). Lápide ou lápida é uma pedra que contém uma inscrição (epitáfio) gravada para registrar a morte de uma pessoa, normalmente localizada sobre o túmulo ou anexa a ele. Podem ter também o formato de uma placa de bronze (ou outro metal, alumínio, por exemplo).



Figura 7: Fotografia de parte do monumento: lápide e epitáfio.

Fonte: Davi Tavares, 2016.

Por sua vez, epitáfio (do grego antigo ἐπιτάφιος: “sobre a tumba”) são frases escritas sobre túmulos, mausoléus e campas cemiteriais para homenagear pessoas ali sepultadas. Normalmente, os dizeres são colocados em placas de metal ou pedra.

Os epitáfios apareceram imitando inscrições da Antiguidade clássica, com o objetivo de afirmar a identidade do morto. No século XIX, eles estão ligados à piedade para com o morto, traduzindo um sentimento real profundo de dor por meio de poemas em verso, com elogios intermináveis e com menos detalhes pessoais (BORGES, 2002).

O epitáfio do general (Figura 8), gravado no próprio bloco, é uma inscrição que guarda visão determinada da polêmica resultante dos incidentes que envolveram seu sepultamento.

É composto das seguintes palavras:

Aqui jaz o cidadão brasileiro general José Ignacio d'Abreu e Lima, propugnador esforçado da liberdade de consciência. Faleceu em 8 de março de 1869. Foi-lhe negada sepultura no Cemitério (sic) público pelo bispo Francisco Cardozo Ayres. Lembrança de seus parentes.



Figura 8: Fotografia do epitáfio de Abreu e Lima.

Fonte: Davi Tavares, 2016.

Nos aspectos declinados residem a riqueza que a construção tumular em memória ao general Abreu e Lima apresenta, e que traduzem o reconhecimento, ao ilustre brasileiro, daqueles que a fizeram construir.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Ignácio de Abreu e Lima foi um personagem importante de episódios marcantes e decisivos da história pernambucana, brasileira e sul americana. A história do “mui desassossegado Senhor General” (BRUNI, 2010), repleta de situações-limites, é digna de ser evocada às novas gerações.

No *British Cemetery*, Abreu e Lima ainda vive de maneira fortemente simbólica, seja pelo trabalho de memória seja por meio dos objetos materiais. E vive porque, de vários modos, ligou-se definitivamente àquilo que se é e, também, em certa medida, ao que já não se pode deixar de ser. Posto que, convém (re)lembrar, “O cemitério é um espelho em que os vivos se refletem e se encontram na memória dos mortos. Ali, no silêncio definitivo, podem os mortos ser interrogados e compreendidos no seu legado [...]” (MARTINS, [2005?], p. 1).

O seu túmulo remete a uma história de vida plena de desafios e superações até o final, ao mesmo tempo em que estimula o olhar para além da materialidade e do tempo presente. A construção de um mausoléu visa o futuro, pretende a perpetuação da memória, a suspensão do tempo que se esvai como os grãos de areia de uma ampulheta. Na combinação de seus comedidos elementos artísticos e simbólicos, há que se compreender um somatório de exaltação e reclamo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cláudio. A Morte do General e o Amor do Bispo. In: _____. **Franklin Távora e o Seu Tempo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997. p. 163-172.

ARGAN, Giulio Carlo, **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRUNI, Sérgio. **O Mui Desassossegado Senhor General**: a vida de José Inácio de Abreu e Lima. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

CATROGA, Fernando. **O Céu da Memória** – Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Minerva, 1999.

CHACON, Vamireh. **Abreu e Lima**: General de Bolívar. 3ª ed. rev. aum. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2007.

FONSECA, Edson Néri da. Nota na contracapa. In: LIMA FILHO, Andrade; PEREIRA, Nilo. **O Bispo e o General**. 2ª ed. rev. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1975.

GUIMARÃES, Argeu. **Um brasileiro na epopeia bolivariana**. (Biographia do general Abréu e Lima). Recife: Emp. Graphico-Editora / Moraes, Rodrigues & Cia., 1926. Disponível em: https://biblioteca.academiahistoria.org.co/pmb/opac_css/index.php?lvl=publisher_see&id=12346. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. **Bolívar e o Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2017. (Edição fac-similar da obra publicada em Paris, edição do “Libre Livre”, MCMXXX)

LIMA FILHO, Andrade; PEREIRA, Nilo. **O Bispo e o General**. 2ª ed. rev. Recife: Editora Universitária, 1975.

MARTINS, José de Souza. **História e Arte no Cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo/Secretaria de Cultura, [s. d.].

MOTTA, Antonio. Museu da Morte: patrimônios familiares e coleções. In: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z. **Museus Nacionais e os Desafios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 280-295.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres**. Recife: Typographia Universal, 1882. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221687> Acesso em: 22 nov. 2015.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos**: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

_____. **Nas Fronteiras do Além**: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

TAVARES, Davi Kiermes. **Inglese no Brasil**: Estilo de Viver, Estilo de Morrer. **Revista Seminário de História da Arte**. Pelotas, n. 5, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/issue/view/474/showToc>. Acesso em 20 dez. 2016.

_____. **Uma Necrópole Esquecida e os Valores Para a Sua Conservação**: o British Cemetery do Recife em Perspectiva. 2016. 222 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0